

Redacção, Administração e Proprietária
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete

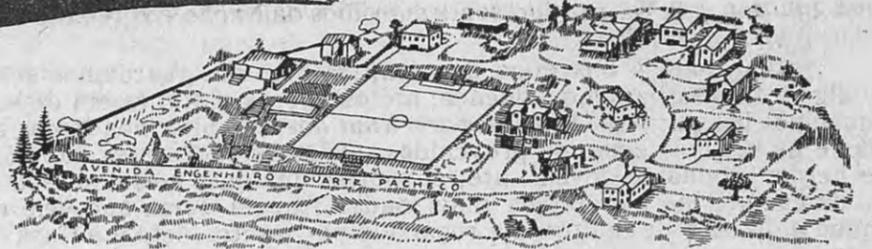
Director e Editor
PADRE AMÉRICO

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Vales do Correio para CETE



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII N.º 184
Preço 1\$00

AGORA

ES a palavra que já deu começo e vai prosseguir na construção de casas para pobres—AGORA.

Os nossos vicentinos de Paço de Sousa, chegam a casa estarecidos do que observam nas suas visitas semanais; e mais eles vieram de habitações assim! Chegam estarecidos.

Esta freguesia, por ser intensa e extensa, faz da moradia do pobre o problema número um. Aqui viemos construir a mais formosa aldeia do mundo. Aqui vamos construir um Bairro de vivendas para garantir a vida do rapaz que está dando a sua pela Obra. Não fazia sentido esquecer o Indigente no meio de um tão alto sentido social.

A seguir, direi de como foi possível conseguir várias nesgas de terreno, em vários povoados da freguesia.

Arrancar pedaços de terra a proprietários que dariam antes os dentes! Depois direi de como foi possível. Hoje dou a notícia de que o

mestre de obras que levantou os 18 edifícios da Casa do Gaiato, está já levantando as moradias do Pobre. São casas dispersas; aonde nos dão o terreno, aí se levanta a Casa. Eu gostaria que pobres e ricos fossem bons vizinhos; uns precisam dos outros.

E dinheiro? Não é preciso. O dinheiro, em obras assim, é sempre a última questão. Nem é, sequer, questão. O que importa é construir. Por aqui têm aparecido casos de incesto... E o mundo digere! E o mundo hoje diverte-se! E alguns batem no peito ao falar de Deus!

Agora vem Ferreira do Zezere com 50\$00. Vem o Porto com 100 deles, em nome de S. João de Deus. A carta chegou precisamente no dia da festa do Louco de Granada. Fiquei tão impressionado que não dou hoje notícia de mais ninguém. Vai aqui João de Deus e as casas são para Indigentes! Temos hoje de ir às cinzas dos santos buscar a labareda que os consumiam!

O NOSSO LIVRO

Não conheço nem creio que haja, ou tenha havido no mundo, confusão mais simpática, mais gloriosa, mais universal, mais tudo, —do que esta da distribuição do livro. E' verdadeiramente o Isto é a Casa do Gaiato!

Em primeiro lugar, temos a grande afluência de cartas, aonde, uma vez por outra aparece sua reclamação; livros a mais, ditos a menos, nomes trocados, et coetera. Mando chamar Piolho. Piolho vem. Lê a carta. Torna a ler; vai buscar as fichas. Olhe aqui, vê? São eles. São os senhores. E queixa-se de que eles, os senhores, pedem com um nome e reclamam com outro. Avelino confirma: no jornal também assim é. Piolho conti-

nua: pois é, e a gente é que as paga.

Em seguida, temos as entregas quinzenais dos vendedores. O chefe do Lar do Porto, recebe de todos, colige e no fim, apresenta um feixe de papelinhos de todos os tamanhos e feitios com as mais variadas cores e variadíssimos dizeres. Junto aos ditos papelinhos, vêm notas do Banco, outros dizem que pagam depois, outros, que já deram o dinheiro a outros... Se vamos a perguntar ós vendedores, ó confusão!

Foi um senhor no-café. Foi uns senhores no elétrico. Foi à saída da missa. Foi na Praça. Foi no Banco. Foi no comboio. As mais simpáticas e a mais universal das confusões!

VISITANTES

Aqui há tempos, vieram duas camionetes pintadas de amarelo, com meninas dentro: era um colégio. As ditas camionetes pararam no largo da capela e eu, de onde estava, via sair, uma por uma, as colegiais, acompanhadas das suas professoras. Estas eram Religiosas; o hábito o dizia.

Demoraram-se a tarde. Não ficou nada por ver. A horas da partida, eu apareci.

Estava o grupo de educandas mai-las suas educadoras. A delas que parecia a principal, dirige-se à minha ilustre pessoa e cobre-me de elogios. As educandas, em redor, escutavam; mais uma futilidade das muitas que se ensinam nos colégios de distinção. Eu antes queria um Instituto Caseiro, aonde se ensinasse à mulher o que lhe é dado saber.

Adiante. Os dois veículos estavam ao pé e os seus condutores dão em buzinar; eram horas. A superiora estava, ainda, ocupada com os magníficos adjectivos a meu respeito. Por último, declara que me deixava uma benção e com isto se foi embora. Eu achei pouco. Achei mesmo muito pouco; estas obras não vão com benções. Compreende-se. As superiores destes colégios, que se designam por madres, não sabem quanto a vida custa. Elas tiram mensalmente a conta de cada uma das suas queridas alunas, do ordinária e dos extraordinários e o dinheirinho vem na volta. Daqui não passam. Noutro mundo não se metem, não sabem nem avali-am as dificuldades de algum que tenha de pôr a mesa a centenas e centenas de educandos, sem ter a quem mandar a continha mensal nem sequer de ordinário, quanto mais dos extraordinários! Compreende-se.

Mas vamos às compensações. Eram dois carros ligeiros, de onde saíram Religiosas. Começaram a ver. Viram tudo. Por fim, apare-

cem-me no escritório. Estamos maravilhados do que Deus aqui tem feito, disseram. O meu nome não apareceu. Mas não fico por aqui. A Superiora, declara que já há muito tempo desejava vir à nossa aldeia, mas, sem ter quem lhe desse 500\$00, para me dar, não se atrevia a fazê-lo. Hoje venho Tome lá. Eram cinco contos que um Medico de Coimbra lhe deu. Cinco notas de mil escudos.

A Superiora, exaltava, ao dar-me aquela quantia. Uma outra Religiosa da comitiva, deu-me uma regueiça de Valongo. Eu achei soberbo, pela magnitude da simplicidade. Outras, deram cartuxos de rebuçados. Outras, cartuxos de coissas. Deram tudo de tudo, só benções é que não. Não chegaram ainda à perfeição das dos colégios doirados.

BARREDO

Ai vai isso, (mil deles) para os pobres do Barredo.

Os Barredos são a condenação formal de uma civilização que se diz cristã e permite esta ignomínia.

Para mim, são um remorso vivo e permanente, numa inquietação que não posso nem quero dissipar.

Peça a Deus que eu pense mais nos Barredos e menos nas mil futilidades que me tolfhem e embaraçam a vida.

Eu adoro. Eu fico consoladíssimo com estas cartas, não pelo que trazem dentro, mas sim pelo que dizem. Esta é de Portalegre, assim o diz o carimbo; e assina-se: Ninguém.

Ali não vem nada a mais nem a menos; diz o que é preciso dizer e acabou.

DOCTRINA

AO lançar mão do nosso livro de contas, apurei que, desde Maio de 1943 a Dezembro de 1950, entraram nesta casa de Paço de Sousa 10.460 milhões de escudos. Digo *nesta casa*, mas como a Obra se compõe de mais, as outras que respondam por si. Daquela assombrosa quantia, um terço representa subsídios da Nação e o resto é trabalho, é suor, é sangue.

Assim como a boa dona de casa, também nós guardamos sempre alguma coisa para uma doença; até os pobres assim fazem do seu pequenino bragal; *este lençol é para uma doença*. Sim; nós temos de estar e na verdade estamos prevenidos. Os meus sucessores não hão-de herdar dívidas e devem, até, encontrar qualquer coisa no escaninho da caixa. Mas não temos mais nada. Aquela soma que veio do sangue e do suor de muitos, foi repartida por muitos. Isto é a Casa do Gaiato.

A Caridade, é a única força do mundo, capaz de realizar obras humanas. Quando tudo parece estar ameaçado, ela surge do seio do Pai Celeste, viva, dominante, eficaz.

O Mundo necessita de conhecer e reflectir nestas verdades, por isso mesmo dou factos e algarismos. O Mundo deve ir à fonte verdadeira, se quiser matar a sede.

No Natal deste ano, eu tinha ido ao Porto. Na Praça da Liberdade, havia alguns automóveis em exposição e com largos dizeres. Eram premios de rifas e estas vendidas por homens e rapazes dos jornais. Um deles, planta-se à minha frente e, sem me pedir que lhe compre, declara: *se v. também fizesse uma rifa, isso é que a gente vendia bilhetes*. E depois de me ter dado um grande e apertado abraço, o rapaz das rifas retira-se para me repetir lá de longe: *isso é que a gente havia de vender*. O rapaz da rua ligou bem as ideias. Ele é do Porto. No Porto sabe-se da minha vida. Eu sou o cartaz: *isso é que a gente vendia bem*.

Mas o que ele não sabe, nem pode saber pela sua idade e formação; o que a grande massa ignora, é esta verdade escondida: se usassemos meios profanos, era pouco e era tirado. Assim, é muito o que recebemos, e é tudo dado.

Na verdade, nós não fazemos rifas. Não jogamos na lotaria. Não promovemos nem aceitamos o produto de caldos verdes, de ceias à Americana, de arraiais minhotos, de tómbolas e verbenas, de chás e reuniões distintas. Não usamos leilões. Não queremos cortejos. Nós somos do *Sermão da Montanha* e está tudo dito.

As esmolas publicadas, não fazem cair em oração; não expõem os arrependimentos; não perdoam os pecados; tão pouco provocam lágrimas. E são julgadas pelos homens...! Os que as recebem, ficam diminuídos, humilhados e até se podem revoltar. Não se faz justiça, muito menos caridade. É a simples curiosidade social. Auxílios por meio de festas, são outro mal. É a festa que importa; não são de maneira nenhuma as causas invocadas, nem a condição dos irmãos. Tão pouco os pobres são irmãos. Mas ele há outro mal maior, que por vezes me tem chegado às mãos, nos pedidos de autorização para levar a efeito uma patuscada social a favor da Casa do Gaiato. Ei-lo: *o povo desta terra se não for assim não dá*. E em lugar de tentarmos, nós todos, destruir este péssimo conceito, usamos, nós todos, de meios aliciantes para fomentar e alimentar o erro. Tómbolas. Verbenas. Cortejos. Reuniões de chá e fados, tudo rótulos e tabuletas de uma caridade fingida.

Mais. Além das festas profanas que amistosamente nos inculcam, tem aparecido, se bem que ora raramente, propostas de negócios a favor da *sua maravilhosa obra*. Quando a verdade toda é que, esta obra é maravilhosa, justamente por renunciar a tudo quanto não seja amor desinteressado. A derradeira proposta, veio-nos a propósito do Ano Santo e era feita por um cavalheiro da maior respeitabilidade e recta intenção. Eram medalhas. Os nossos rapazes promoveriam a sua venda. O lucro constava da carta e era importante. E eu despachei na própria carta: *Negócios nem com o Vaticano*.

Não senhor. Nem festas, nem negócios. Para uma Obra Social aonde anda empenhado o Sangue do Calvário, só vale o Calvário. Exemplo: *Vão juntos 150\$00 resultado de um mês sem fumar*. *Que este pequeno sacrificio a'ude os nossos irmãos*. É um estudante da nossa Marinha. É um moço rico, pois que fuma 150\$00 por mês. Pode fazer e quer fazer sacrificios para ajuda dos nossos irmãos.

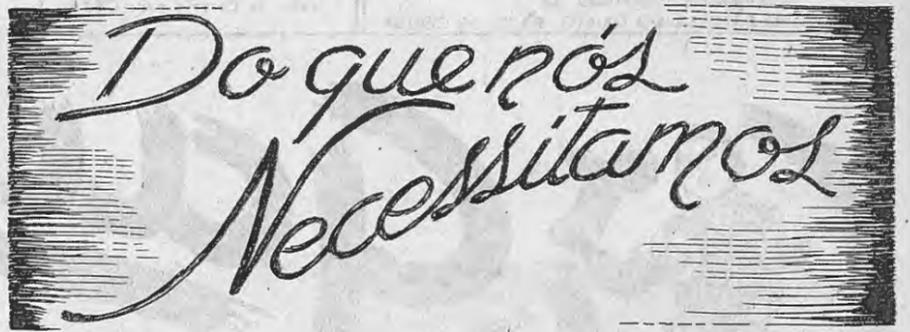
Este daquém; vamos agora além-mar. *Deixei de ir ao cinema*. *Poupei e faço outros sacrificios debaixo deste calor torrencial e mando agora 500\$00 para os pobres do Barredo*.

Acabo agora mesmo de receber mais um modelo vivo dos nossos cortejos: *peço silencio e orações*. Este senhor é tão do Evangelho, que me proíbe de dizer o nome da terra de onde a carta é! Silencio. Ora aqui temos a estrutura da Caridade e o segredo divino das suas Obras.

O mundo anda tão afastado e tão perdido destas verdades eternas, que chama à *Obra da Rua* uma farça. Tenho aqui uma carta interessante; é de alguém a pedir perdão, por ter dado ouvidos e acreditado num grupo de pessoas amigas: *não vá que tudo aquilo é farça e ele (eu) um farçante*.

Mas o alguém quis inteirar-se. Veio ver com os seus próprios olhos, e sem meter o dedo nas chagas, casu por terra! Hoje acredita. Mais felizes os que sem ver, acreditam.

Eu cá não. Não procedo assim. Não chamo farça a nenhuma exibição pública e social a favor de obras e de pessoas. Não senhor. Respeitemos as ideias e as intenções e as iniciativas generosas. Agora, não concordar, isso sim. Denunciar o mal, sim. Tomar a posição suave e firme dos pregadores do Evangelho,—ai de mim se o não fizesse! É isso que eu faço com o sermão de hoje. Sermão, digo bem. Este jornal é pulpito.



Sim. Recebemos as notas do desconhecido do Porto. Mais de Costa Cabral 3000\$. Sim; celebri pelo Nelson. Mais 20\$00 de Lisboa para o Barredo. Mais 150\$00 dos motoristas da Praça Almeida Garrett; dão do que lhe faz falta, não do que sobra! *Como não tenho dinheiro, vai esta cruzinha de ouro*, diz uma carta que cá veio dar. Mais 20\$00 para o Barredo. Mais 120\$00, remate de uma viagem de nupcias. Que sejam sempre noivos, eis o meu desejo. *Uma pecadora manda 200\$00*. Mais 90\$ do Porto. Mais mil ditos da Covilhã para os pobres do Barredo. Não há hoje nome mais piedoso na nossa terra! Mais 20\$00 para os pobres do Barredo; nem mais falado! Mais 50\$00 do primeiro abono do meu filhinho. Mais 20\$00 de Lisboa tirados do primeiro ordenado que ganei depois de cumprir o serviço militar. Que rara linguagem! Mais

30\$00. Mais 40\$00 de 4 empregados do hospital do Terço. Mais roupas e roupas e roupas; de Lourenço Marques é que são! Já aprenderam com os de cá e não falta nunca a legenda; *é de pessoa saudavel*. Mais 150\$00 de *Um jovem tripeiro e sua noiva*. De tudo quanto o jornal diz, nada é tão formoso como as palavras destas colunas, que outros dizem; a Mocidade a sentir! Mais 50\$00 de Lisboa. Mais de uma Mãe estremosa para o Barredo. Mais 20\$00 de Soure. Mais outro tanto de Lisboa. Mais o mesmo de uma empregada dos Telefones. Mais 10\$00 de Lisboa. Mais 20\$00 de *um que não é católico nem protestante*. Mais uma pancada de notas deixadas no Espelho; tudo quanto vinha a dizer na carta se cumpriu. Mais 150\$. Maíra 70\$ para o Barredo. E 100\$ de Campo Maior. Mais mil do Porto. Sim. Celebri duas missas.

Cantinho dos Rapazes

UM dia destes, como tivesse de ir a Lisboa, resolvi tomar o nosso Morris. A passagem pelo Porto, Amadeu Elvas, que soube do meu caminho, não me largou: *olhe que eu nunca fui a Lisboa*. O carro espelhava, de novo e bonito. *Ande lá*. Elvas embarcou. A passagem por S. João da Madeira novo ataque do Carlos Inacio: *eu nunca fui a Lisboa*. Não era Lisboa; era o Morris! E Carlos Inacio embarcou. A passagem por Coimbra, sai o Zé Eduardo. Os dois companheiros; o Morris; o sol que fazia e ao longe Lisboa... *Não. Já tiveste o teu Brasil*. E Zé Eduardo não embarcou.

Passamos pelas Caldas a horas de missa. Procuramos a igreja e fomos celebrar. Eram oito horas. Estranhei ao ver tanta gente; era dia de semana. Mais estranhei a qualidade: rapazes, homens, militares, muitas senhoras e outras pessoas humildes. Deram-me um altar lateral e um nadinha depois sobe o Pároco ao altar mór. Até aqui nada de novo. Mas o que sobremaneira me impressionou foi ver e ouvir aquela assistência acompanhando em voz alta toda a santa missa! Cada um era uma presença real; e assim unidos, todos eram altas es. Faziam. Trabalhavam. Comparticipavam da Acção do altar; eram outros sacerdotes. Mas há mais; ao chegar a ocasião propria todos comungaram só os nossos dois é que não.

Meus rapazes, gosto de vos dar esta notícia. Este é o verdadeiro

culto católico. Uns senhores meus amigos contaram-me que a caminho de Roma e num domingo, entraram na igreja de uma pequena cidade de França aonde viram precisamente isto que eu vi nas Caldas; e só eles não comungaram, para sua humilhação. Ora isto é que é a Missa. A missa alta, católica, participada e saboreada. Este é o verdadeiro culto da nossa santa religião.

As missas dominicais nas nossas igrejas, devem ser isto. Todos devem participar.

E por último, uma palavrinha ao pároco das Caldas, a quem não falei nem sequer me despedi, mas peço aqui licença de o chamar por meu irmão no sacerdócio. Uma palavrinha. É que eu ouvi dizer que ele está fazendo uma igreja. Pois eu digo que a igreja das Caldas já está feita. Quem é que mo disse? A missa daquele dia. Assim se levantaram as catedrais da Idade Média.

Ainda não adquiriu o «ISTO É A CASA DO GAIATO»?

Envie um simples postal e o livro ser-lhe-á remetido pelo correio.

Pedidos à Editora
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

Encontro-me no mato, assim chamamos ao interior, no Luabo, que é situado numa das margens do Zambeze. Sou portanto um novo Zambeziense. Ao ouvirem dizer que me encontro no mato, poderão julgar alguns dos caros leitores, pelos menos grande parte dos que nunca andaram por estes la-



Este é o Cronista que conta maravilhas do que tem visto por lá.

dos, que me encontro só no meio de bichos sem qualquer conforto. Não o é, no entanto. Luabosão ainda muitos quilómetros de extensão, é uma grande zona açucareira. Posso dizer-vos que não estamos só rodeados dos confortos indispensáveis, mas de grandes confortos. Toda a população do Luabo, que anda à volta de 500 pessoas, constitui uma família. E neste momento em que no mundo só reina o desentendimento isto é consolador e dá-me grande conforto. Objectarão alguns, que estavam fora do mundo, como enquanto aí várias vezes ouvi dizer. É facto. Estamos fora do mundo, sobretudo daquele mundo mau, de misérias. Mas temos o nosso mundo, passe a expressão, um mundo pequenino, onde, talvez porisso reina a união. Mas eu nesta primeira crónica tinha um outro objectivo. O de falar com os meus

CRÓNICA DO ULTRAMAR

queridos colegas. Os leitores perdoarão e passo a falar para eles. Quero contar-vos várias coisas porque passei, para que vós, os que houverdes de vir fazer-me companhia, estejais já prevenidos para elas. Foi com grande alegria mas não sem uma ponta de receio que recebi do Pai Américo a confirmação da minha vinda, e este motivado pelos preconceitos que aí me puseram. Hoje que estou cá, posso dizer-vos que os deites para trás das costas, pois na maioria não têm rasão de ser. Eu sei que o Elvas será dos primeiros, portanto para ele vão desde já os meus parabens.

E agora, e esta é a parte da minha crónica, para mim mais importante, quero fazer-vos um pedido, com toda a força do meu coração. Vós os que fordes indicados para vir, que façais por merecer sempre esse prémio. Assim, e vós sabeis-lo tão bem como eu, poderemos dar ao Pai Américo, aquela satisfação tão grande que

ele terá de nos ver a singrar na vida muito unidos aqui na nossa querida África que tantas e tão grandes recordações lhe deixou gravadas. Quero também dizer ao Pai Américo que não só eu, mas também todos os amigos que cá tem, porque eu já espalhei a notícia, vivemos na ansia desse dia em que poderemos dar-lhe um abraço, daqueles que poucas vezes se dão na vida. E peço que não se admire Pai Américo, se eu lhe disser que sou o mais incrível quanto à sua vinda. Não porque não creia que ela se efectue, mas porque acho uma felicidade tão grande, que a chego a imaginar impossível. Mas não, eu hei-de, eu tenho de crer nela. Esse será uns dos dias mais felizes da minha vida, que virá compensar tantos outros que tenho vivido de saudades. Sim, e agora falo novamente para vós queridos colegas, porque vós como eu, haveis de sentir muitas saudades. Será até talvez um dos maiores obstáculos que temos



Este é o Amadeu Elvas por quem o cronista chama: e ele ouviu...



Este é o Carlos Alberto, que está de pé no estribo. É serralheiro mecânico.

para vencer, mas que como eu vencê-los-eis. Não porque elas passem como muitos supõem. Não passam, mas passam a fazer parte da nossa vida. E porque tentar esquecer pessoas e coisas que nos são tão queridas? Não, deixemos que as saudades vivam connosco. O mundo é de compensações e se



Este é o Cunha Reis que já foi há mais de um ano. Está em Lourenço Marques.

sofremos as saudades, sim porque elas fazem sofrer, também viveremos momentos de alegria, como eu hei-de viver no dia da minha ida aí. Oh! quantas vezes eu o tenho imaginado. Mas sobre isto já falei que chegasse. Tenho acompanhado a vida das nossas Casas, assim como das nossas Conferências Vicentinas, embora com o jornal emprestado (toma Avelino.) Para todos os membros das Conferências, vão os meus parabens. Cá continua a reinar grande ansiedade pela próxima passagem do filme. Na Beira, parece que será melhor aguardar a vinda do Pai Américo, para assim a tosquia ser mais completa. Vamos a ver. E agora é natural que a paciência dos leitores já se tenha esgotado. Se não, guardem-na para a próxima. Até lá saudades sem fim do

António Teles — Cronista Ultramarino

A medida que vai sendo conhecida esta Casa, surgem de todos os lados, as mais variadas declarações de amor pela Obra e pelos seus filhos. O Octávio, ao chegar agora das Repartições Públicas de Lisboa, conta como é recebido em toda a parte e comenta com convicção: sempre há muita gente boa em Lisboa...

Como aquelas flores que durante o dia se voltam continuamente para o sol, assim o olhar de muitos se volta constantemente para a Obra para a seguirem em todos os seus passos. Aquecem-se e aquecem.

De todos os donativos que assinalam esta paixão pelos garotos da rua, um dos mais oportunos foi o da forgonete. Desde os altos Senhores das Finanças, ao menor dos Funcionários, todos quiseram tomar parte na oferta. Até estes últimos se cotizaram para saldar uma pequenina despesa da transferência.

O carro é agora a alegria de todos. Ao domingo para a venda do jornal, os lugares são disputados com calor. O que vale é a intervenção do chefe, dando preferência aos campeões da venda. Também se alegram os Senhores de Lisboa que chamam pela forgonete para a verem e para a encherem de coisas.

O Pedro sai todo contente para essa missão, recolher; e eu saio contente para a minha missão, distribuir. Enquanto ele de Rua em Avenida acode à chamada, eu, de beco em beco, acudo ao fogo apagado nas tocas onde ele nun-

AQUI, LISBOA!

Por PADRE ADRIANO

ca se atea.

A medida do dar é a medida do receber.

Ontem desci à Currealeira. À entrada encontrei o Mário a encher o cântaro no marco fontenário. Contou-me logo a morte dum pobre sapateiro que eu visitava — «Veio o Sr. Prior trazer-lhe os Sacramentos. A Misericórdia era para fazer-lhe o funeral, mas como ele morreu no sábado e ela só abria à terça-feira, os pobres daqui cotizaram-se e fez-se o enterro».

Alegrei-me com a notícia da visita do Senhor ao tugúrio daquele pobre e com o altruísmo dos seus vizinhos.

Entro; a viuva lamenta a sua desdita. Há um lugar a menos: é o banco do sapateiro, onde o pobre, entre duas hemoptises, fazia girar a faca e a sivela num esforço sobre humano para sustentar a família de seis pessoas. O mais pequenino dos filhos herdou já o mal do pai.

Seguimos caminho; ao lado, uma infeliz vomita sandices incriveis. Aqui explica o Mário, só se aprende doutrina daquela.

Chegamos à toca onde a mãe se vai mirrando, dia a dia. É um feixe de ossos à espera da vida eterna.

— Calcule, padre, que estão por aí à espera que eu acabe...

— Até fazem troça do meu filho.

— Então a tua mãe nunca mais

morre?!

O Pedro recolheu naquele dia uma carrada de roupa, jornais e mil escudos.

Quanto mais se dá mais se recebe. Este axioma esclarece-se com o que se segue.

A Câmara M. de Lisboa deu-nos cinco contos; a de Loures, três. Um anónimo, no Patriarcado, deixou um; outro, no Banco E. S., dois. No Montepio, um; e mais no Banco, cinco. Um carro do Corpo Diplomático deixou aqui mais um que era da «NI-NI e da NE-NÉ». Uma peça preciosa de cotim e outra de riscado. 350\$ do G. E. de Azeite; 650 da U. G. dos Resinosos; 20 duma promessa, 200 da Vacuum e os mil e trezentos dos Empregados da mesma, batidinhos todos os meses no Banco. Mais 156 garrafinhas de Azeite, 20 quilos de vitela, trinta de carne de vaca, de Entidades oficiais; um suino do Alentejo; de M. R. A. P. 120\$; 50 em Setúbal; 50 mensais da Junta de Arroios; da «Senhora dos bois 100 todas as quinzenas pelo jornal, mais 200, mais cem das suas criadas, mais 1.470 das suas quintas. 20 que «recebi» duma mãe; 100 de R. Predial; 200 da Emp. Insolana. Da C. Colonial de Nav. 34 lençois e fronhas e 48 cobertores.

Mais coisas boas da C. N. de

Nav.; dos Empregados da Nestlé os 300 mensais; de Loures 100 pelas melhoras de pessoa de família; 50\$ de promessa; da Póvoa de S. Adrião, 50; para os pobres das tocas 170, «que já não esperava receber»; Mais camas, jornais e livros e um comboio de donativos deixados no Montepio-Geral: passas, tachos, roupas, livros, revistas, peças de flanela, fatos e uma gabardine, seis cobertores com lençois e colcha, tudo precioso para a nova casa a abrir brevemente.

Três guarda-chuvas para os Rapazes do Lar de S. João da Madeira. Lisboa dá para toda a parte... 100, da Rua Almeida e Sousa; roupas usadas da mesma; um caixote de latas de conserva; dois pneus; 100, nas Novidades; 20 de alguém e papel velho; 100 e bolos e gravatas, copos de lata no dia dos 18 anos do primogénito. Da América 50 mensais; 150 da Cavan.

Quanto aos visitantes, torna-se impossível dar a conta do que dizem e do que deixam. Ele para os pobres, ele para as Conferências, ele para a casa, para o livro e para a assinatura do jornal. Resta-se mencionar o bom acolhimento da Igreja de N. S.ª de Fátima. Também lá vivem obras de assistência, de piedade e de formação; apesar disso, o pároco chamou por nós e pôs o microfone e as bolsas dos assistentes à prova. Os 23.581\$00 que se juntaram, provam que a Caridade cristã é inexgotável. E ainda bem!

ISTO É A CASA DO GAIATO

Selos. Selos dos C. T. T. O correio de ontem trouxe um rol de cartas de Angola com selos de nova emissão. O Avelino, pelo caminho, foi divulgando o acontecimento e mal entra à porta do meu escritório, anuncia: *Selos de passarinhos*. Passarinhos de papo encarnado, passarinhos de papo amarelo; um encanto de selos! O pior foi a desordem. O Moléstia e o Pintarrocha, que são, como toda a gente sabe, dois fervorosos colecionadores de selos para as missões, ficaram sem os selos por causa dos passarinhos! Vieram-me fazer queixa: *foi o Bernardino*. Perguntado, Bernardino disse que sim. Que gostou dos passarinhos. Que apanhou todos os selos e deu ós companheiros. Passarinhos! Quem teria sido o responsável por uma tão feliz emissão? De onde se vê que a efígie do Cesar no conceito destes rapazes, vale bem menos do que um passarinho!

Por selos de Angola, deixem me comunicar que esta nossa obra social tem tido o raro condão de aproximar as colónias da metrópole, como nenhuma outra força, que se saiba pela história! As cartas chovem e o que vem dentro delas não se diz a ninguém... Todas as províncias com suas escolas, suas organizações, seus credos. E' o Comércio e a Indústria.

Os particulares; África em Portugal.

Por falar no Bernardino, o apaixonado dos selos, este é o meu refeiteiro. Avelino e Júlio, que comem à minha mesa e foram, no seu tempo, exemplares refeiteiros, não deixam passar nada ó Bernardino: *olha este garfo*. E Bernardino vai limpar. *Olha este copo*. E Bernardino limpa.

Bernardino demora-se muito com a comida. Eu reclamo. Avelino vai ver. E' na cozinha. Bernardino gosta de lambar e demora-se, a olhar pró Botas. Hoje mesmo foi o dia em que Bernardino não aparecia com o conduto. E esta?! Daí a nada, aparece com a travessa na mão e os beijos untados...

—Que foi isso?
—Foi o Botas.
—O Botas quê?
—Foi o Botas, deu-me uma cabeça de peixe...

Os senhores não reparem nem contem a ninguém. Se estas coisas se sabem, a deus crédito!

Fui ontem em Porto comprar alguns copos de alumínio para a mesa dos grandes. Estes, por grandes, têm seu refeiteiro e bebem vinho às

comidas. Ora acontece que logo no dia seguinte, aparece um copo de beija amolgada. Foi-se a perguntas e deu-se o que se costuma dar: ninguém foi. Récio, é o refeiteiro dos grandes. Récio é um pequeno muito alegre, muito amigo da sua obrigação, muito amigo da escola, muito tido. E' da Murtosa. Pois Récio viu o copo amolgado. Ouviu uns vinte rapazes de voz grossa, a jurar que não e tomou precauções. Sem ninguém saber, ele vai ao fundo de cada copo, marca e continua como dentes, a pôr a mesa e a servir o vinho. Tempos depois, nova amolgada num copo. Quem foi e, como da outra vez, não tinha sido ninguém! Récio toma o copo nas suas mãos, vê a marca e vai direitinho ao faltoso; *eu não troco os copos, fostes tu*. Assim almejado, o rapaz não teve forças nem tempo de negar; *fui eu*.

Nós temos cá em casa todos os males e todos os remédios; não faz falta ninguém de fora.

O Helio chegou ontem da venda e nem podia falar de contente. Era uma bola. Trazia uma grande bola de câmara. Disse que fora um senhor a quem ele oferecera o jornal e que este lhe deu cinco croas e que não aceitou as ditas e que o mandou à Rua do Bonfim número tal (ele disse-me o número) e que a esposa lhe daria uma bola.

—E ela acreditou?
—Acreditou sim senhor.

Depois de todas estas explicações Helio, sempre espumante, coloca a bola sobre a mesa e quer saber se pode jogar com ela; *o senhor que ma deu disse que ela era só pra mim*. Eu respondi e disse que, quanto a mim, estava tudo muito certo, mas que duvidava dos grandes... Helio é decidido, conquanto seja pequeno; *o que eu quero é ter ordem sua para jogar com ela*. E eu disse que sim. A hora em que estou escrevendo, não me consta nada de novo,—mas não é tarde...

Os sarilhos vêm lá, à certa. Primeiramente porque a bola é tentadora; nunca tivemos a bola assim! Em segundo lugar, creio ter sido um Sportinguista que a deu, e aqui é que está. Os dos mais clubes vão barafustar.

Hoje sentei-me à mesa pelo café e nada! Espero, chamo, torno a esperar, torno a chamar e nada! Nisto, entra o Bernardino com o tabuleiro.

—Que demora é esta!
—E' o Botas.
—O Botas quê?
—E' o Botas a encaixilhar o Travassos!

Levanto-me e vou à cozinha. Estava o Botas e pregos e um caixilho e um martelo e o Zé Travassos. Estavam os da copa e os do refeiteiro dos grandes e os do refeiteiro dos médios e os do refeiteiro dos pequenos. Ora uns achavam bem, outros achavam mal: *havia de ser mas é o Araújo*. Também havia quem quizesse o Feliciano. E mais, e mais e mais. Oh clubismos! Regressei à mesa aonde deixei o café. O Helio, que soube do barulho, largou a sua obrigação na casa dos teares e vem-me dizer que o Travassos sim. Que já foi catorze vezes internacional; e mostra-me na sua lapela dois emblemas verdes...

Ao fazer as contas desta adorável trapalhada, eu tinha perdido um quarto de hora à espera do café e eles todos ganharam em satisfação e

NOTÍCIAS DA CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

Eu queria ter palavras capazes para agradecer a todos como nos ajudam. Mas não tenho; tal carinho com que acolhem as nossas petições, quinzenalmente!

Tem a palavra, a principiar, um modesto funcionário judicial, que manda cem escudos! Não podia principiar melhor; cem escudos a um funcionário, que tem a sua vida regulamentada, financeiramente, representa uma enormidade! A seguir de Torres Novas 50\$00. É do sul; os meus lados... De Tondela uma Senhora ajuda na compra de estreptomycin. É uma insignificante migalha, oferecida por amor de Deus e ao próximo. Rezem por mim, peço-vos com humildade; a caridade e a humildade entrelaçam-se. A Cidade dos Arcebispos, não se esquece dos nossos pobres; alguém põe o pé em frente e para a conferência 50\$00. Em Braga temos muita gente conhecida! De algures 20\$00; não se sabe de onde, incógnitas! O Gaiato revoluciona o nosso mundo a dar. Do Porto 30\$00; a maneira, idem. E agora *afim de que esta quinsena não seja absolutamente esteril esta migalha—20\$00!* Mas que rica oferta, minhas senhoras e meus senhores. Já repararam? Se todos assim fizessem não era uma ótima ideia?... Outra que concorda com a antecedente: *Estava a juntar as minhas pequenas economias para vocês e esperava que tomassem mais volume para lhas mandar. A leitura do último número de «O Gaiato» fez-me mudar de opinião; são 20\$00, melhor vinte migalhas. Isto é assombroso! O sacrifício é tudo; mais, diz a interessante carta a terminar: continuo a juntar. É um mealheiro certo, dos nossos pobres.*

Esta quinzena é farta, fartinha, graças a Deus. Novamente o Porto; esse Porto em que cada casa há um amigo e cada amigo tem uma maneira de fazer bem; são 20\$00 para o *pobrezinho da Conferência, aquele que está tuberculoso e que a estreptomycin já nada lhe faz*. Sim, minha senhora; infelizmente já não se salva! Mas precisa de assistência até aos últimos momentos. Nos vestimos tanto por aí fora, que morrem sem amparo de ninguém e de nada!... E há tanta coisa linda e a reluzir no mundo! Não se aflija, nós não publicamos nomes de ninguém; queremos que esta coluna seja como as outras. O Gaiato é diferente de todos, por isso mesmo. Depois, da linda cidade de Santarém, um nosso amigo e do Guilherme tuberculoso, envia cem escudos para as possíveis melhoras deste doentinho.

Isto é tudo quanto nos veio às mãos desde o último rol que publicamos. Para o próximo número esperamos dar à estampa muitas outras ofertas; para isso, tem a palavra o leitor. Não ficará inerte julgo eu; no entanto, aguarde-se e agradece-se.

E, para finalizar, transmito umas palavrinhas que significam muito na linguagem do Pobre, e foram ditas por um deles que é desprezado pelos filhos: *ai se não fossem os senhores...* Isto basta!

J. M.

MAIS UM ANO

Apagado, silencioso, lançado no turbilhão e no bulfício do quotidiano da vida, sem título de gala e sem pompas, apartado das vaidosas manifestações académicas, a tremer e a vacilar na incerteza do seu bom acolhimento—tais foram as psicoses do primeiro número do quinzenário «O GAIATO» dado ao público em 5 de Março de 1944.

Mas, mesmo assim, na singeleza da sua simplicidade literária, hoje adorável, e na força indómita do seu credo, ontem e hoje firme e indestrutível na sua doutrina, mesmo assim dizíamos, nasceu mais um jornal.

Mais um quinzenal, a juntar a tantos outros, teria sido e foi, em muitos sectores, as boas vindas da sua chegada.

Os anos passaram. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete anos.

Como a água da fonte que nasce pequenina, assim o jornal «O Gaiato» surgiu na luminosidade da sua bendita pequenez. Ele trazia apenas consigo o clarão de um facho que, desde há mil novecentos e cinquenta anos, vem resistindo às fúrias adversárias. A clarividência da sua palavra vibrátil mas dócil, inspirada na fonte perene da vida, tinha de aderir a coesão da humanidade que busca e anseia um lenitivo à sua dor angustiante.

Como a água da fonte que, depois de nascer, se derrama num feixe de ramificações, assim o jornal «O Gaiato» cruzou os seus fogos ardentes por todas as partes do globo. A sua luz penetrou nas almas mais recônditas. Atravessou-as suavemente, sem se impor, e nelas se instalou como um manancial inesgotável de delícias, e nos corações dos que, consciente ou inconsciente, se dizem contrários à sua doutrina.

Hoje, passados 7 anos, não há

ninguém que o não conheça. Ninguém que não tenha chorado, comovido, à eloquência do seu verbo. Ninguém que não sinta o arrebol de uma nova vida cheia da divina promessa. Nele e por ele todos confiam numa justiça humana que abrase na chama da única e verdadeira fraternidade: a fraternidade em Cristo através dos verdadeiros Pobres.

Porque se impôs ele à admiração de todos, de todos com credo ou sem credo?

Na fanfarra mascarada do mundo, onde o farisaísmo impera como medida de oportunidade, de conveniência de situações, onde há em tudo aparência de Cristo mas em muito pouco realidade de Cristo, e onde os verdadeiramente de sempre se escandalizam da onda assustadora e espasmódica dos de Cristo de momento, ele, o jornal «O Gaiato» tem a responsabilidade consciente da sua real posição, da única posição, afinal, onde se não treme de escândalo.

Ele está contra os católicos de fachada e a favor dos descrentes que, professando-se como tais, se portam de acordo com os preceitos do Decálogo.

Ele é anti-religioso, daquela religiosidade balofa e oportunista, simplesmente aparente, daquela religiosidade que só ergue altares, mas esquece e ignora o significado do deífico quadro da Ressureição.

Por isso, ele se impôs com docura.

Na trajectória terrena da odiseia humana, ele, o Famoso jornal, continuará rectilíneo a chegar a todos os de boa vontade e será sempre bem recebido, porque, através dele, cada um sente que pode participar melhor do destino de todos os outros.

H. F

alegria; ora isto é o que verdadeiramente importa numa casa de formação.